

LITERATURA DE MULHERES NEGRAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Erick Cristian Santana Carneiro
Francisco Nascimento Junior

RESUMO: O presente artigo objetiva realizar uma proposta de ensino-aprendizagem a partir da literatura de mulheres negras na escola, abarcando contextos sociais, políticos e culturais que constituem a subjetividades dos corpos femininos. Nesse sentido apresentaremos a vida da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), a subjetividade e o pensamento crítico da autora na obra “Quarto de Despejo-diário de uma favelada”, contemplando a aplicabilidade da Lei 10.639/03 como ferramenta na decolonialidade do ensino de ciências para meninas negras dos anos finais do ensino fundamental. Para tanto será trabalhado em sala de aula uma oficina de produção textual a partir da leitura dos escritos de Carolina de Jesus, buscando dialogar as questões de raça, gênero, subalternidade, invisibilidade feminina na literatura, além as questões étnico-raciais.

Palavras-chave: Literatura. Ciências. Mulheres Negras. Gênero. Raça.

Desde a publicação da tese de doutorado do professor Dr. João Zanetic em 1989, intitulada “Física também é cultura”, vários estudos e escritos foram publicados desde então no universo da Física. Entretanto, nosso estudo e escrita nascem no campo da Literatura. Uma literatura negra, escrita por mulheres negras e com a finalidade de ser estudada por meninas negras nos anos finais do ensino fundamental.

Partimos do pressuposto que a aplicabilidade da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” nos currículos oficiais das Redes de Ensino de todo o Brasil esteja sendo aplicada. Ao desenvolverem suas atividades voltadas para essa temática, os educadores possibilitam aos educandos tratarem de questões plurais, construindo ações a partir de um ensino decolonial, bem como desenvolverem um diálogo entre as questões étnico-raciais dentro do ensino de ciências. Salientamos que a Lei 10.639/2003 alterou a Lei 9.394, Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBN), de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 2003).

A aplicabilidade da Lei nos currículos escolares dentre vários aspectos, possibilita navegar no universo literário feminino negro que é o nosso foco de estudo. Um universo

Erick Cristian Santana Carneiro, mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais PPGER – UFSB Sosígenes Costa da Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, BA (autora para correspondência, e-mail: erickcristiancarneiro@gmail.com)

Francisco Nascimento Junior, professor Dr. do Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais PPGER – UFSB Sosígenes Costa da Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, BA. Professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) do Campus Sosígenes costa da Universidade Federal do Sul da Bahia E-mail: francisco.nascimento@ufsb.br

vasto e rico descrito por diversas escritoras, e onde destacamos Carolina Maria de Jesus, personalidade singular no cenário cultural afro-brasileiro contemporâneo.

CAROLINA MARIA DE JESUS: vida e obra de uma favelada

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento (MG), em 14 de março de 1914 e faleceu em 13 de fevereiro de 1977 na cidade de São Paulo. Oriunda de família muito humilde, filha da empregada doméstica lavadeira e analfabeta Maria Carolina de Jesus, Dona Cota, e do poeta boêmio João Cândido Veloso.

Detentora de uma escrita singular e única, Carolina buscava retratar as questões sociais, morais e políticas por ela vivenciada ou presenciada. Sua visão de mundo desde muito jovem já denunciava todas as aflições das questões que rodeavam o universo feminino. A negrinha atrevida e questionadora que não aceitava presenciar calada a atrocidade cometida por homens afortunados que usavam o seu poder econômico e social para abusar das meninas da vizinhança ou das filhas de suas empregadas domésticas.

Podemos observar que o atrevimento e/ou questionamento de Bitita como era chamada Carolina na sua infância, pode ser atribuído a curiosidade. Devemos lembrar que a curiosidade humana é um atributo que nos permite e/ou nos leva a conhecer vários mundos, descobrir ou ressignificar vários saberes, dialogar com a natureza e consequentemente conhecer a si próprio (SCHIVANI, 2020).

Essa curiosidade para o professor é a chave fundamental para um ensino-aprendizagem com significação. Um ensino-aprendizagem que possibilita o gosto em aprender, despertando uma curiosidade ingênua e epistemológica. Curiosidade com sede de saber que nos leve a dialogar intrinsecamente com o corpo e o universo que nos rodeia. Segundo Paulo Freire (2007, p. 85), “Como professor devo saber que sem curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo nem ensino*” (*grifo do autor*).

Essa desenvoltura fazia com que Bitita construísse sua curiosidade epistemológica. Uma curiosidade ingênua que se torna crítica, que constrói sua jornada de conhecimento e nutre o seu espírito desafiador. Para Freire (2007), essa curiosidade ingênua ao tornar-se epistemológica muda a qualidade, mas não a essência do ser.

Constatamos essa construção no livro “Diário de Bitita”, que compõe os cadernos manuscritos de Carolina de Jesus. Nele a autora de Quarto de Despejo descreve sua

infância, seus desafios como menina negra, sua visão de sociedade e suas aventuras na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais. Em sua infância por vezes viajava em suas ideia infantis, seus sonhos e devaneios. *As minhas idéias variavam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre azul não seria gracioso* (JESUS, 1986, p.10) (grifo nosso).

Carolina de Jesus chama a atenção em sua literatura, pois apresenta com olhares atentos todas as misérias, preconceitos raciais, a historiografia, e a identidade cultural de uma população negra oprimida. Para Hall (2001) a identidade cultural é formada a partir da interação entre o eu pessoal e a sociedade. O eu real do sujeito (essência interior) é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esse mundo oferece (HALL, 2001, p. 11).

Notamos que essa identidade cultural é marcada nos diários de Carolina, quando em sua escrita ela questiona a realidade da população da favela do Canindé. A identidade de Carolina ali descrita se entrelaça com todos os seus sentimentos subjetivos, bem como todo o objetivo por ela ocupado no mundo social e cultural (HALL, 2011).

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. ...Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. (JESUS, 1955, p.33)

Em seu universo literário particular, Carolina não fazia parte do universo intelectual de mulheres negras, fosse pelo fator exclusão social e racial, ou por ser uma escritora desconhecida no cenário literário eurocentrado. Foi umas das primeiras pioneiras na literatura feminina negra, sendo Maria Firmina dos Reis (1822-1917) a primeira mulher negra poetisa do Brasil.

Podemos perceber que diversas escritoras negras da contemporaneidade têm suas narrativas idênticas as de Carolina de Jesus, dentre elas podemos destacar Conceição Evaristo, um símbolo da intelectualidade de mulheres negras da atualidade. Suas produções literárias são marcadas por um posicionamento que buscam privilegiar a sua vivência (escrivência) de mulher negra que fala a partir do seu lugar e desse lugar na sociedade brasileira; Alzira Rufino, que busca escrever para a imprensa com recorte de gênero, raça e sobre violência contra a mulher. Relatos e vivências de favelados,

mulheres, velhos, crianças, bêbados, e tantos outros que compõem a sociedade brasileira, mas, que são invisibilizados, excluídos e marginalizados pelo sistema.

PENSAMENTO CRÍTICO EM CAROLINA DE JESUS

Pensar a obra “Quarto de Despeja – diário de uma favelada” é levar o leitor a pensar uma postura de ação. Pensar é uma ação, uma reflexão capaz de mudar ações e nos levar a lugares que reformule a teoria e a prática educativa. Para hooks (2020, p. 31), o cerne do pensamento crítico é o anseio por saber – por compreender o funcionamento da vida.

Carolina nos convida a um passeio literário por entre caminhos que permite a construção e/ou reformulação de conceitos estereotipados como raça, gênero e classe social que constitui a nossa e também a subjetividade dos nossos educandos.

Sabemos que a primeira infância traz consigo o despertar das crianças pelo mundo, pelo conhecimento que as tornam incansavelmente interrogativas, com perguntas que exigem o porquê, para quê, quando, por que não e o porquê da vida. Nesse mundo de indagações e em busca das respostas, aprendem, quase que instintivamente, a pensar (hooks, 2020, p. 32)

O mundo das indagações infantis permite o educador pensar a alegria na escola tão defendida por Georges Snyders (1988) em seu livro intitulado “A Alegria na Escola”. Snyders defende uma educação progressista, capaz de contribuir na formação do indivíduo permitindo realizar-se, e, conseqüentemente, transformando a sociedade. O autor chama a atenção para as relações estabelecidas com o conteúdo que podem proporcionar tanto um ensino conservador, antiliberal, como um ensino renovador, progressista, com significado e significante. Considera que a confiança e coerência no saber ensinado em sala de aula são demarcadores entre as pedagogias. E é justamente neste ponto “[...] que se joga o verdadeiro destino das pedagogias” (SNYDERS, 2001, p. 311)

Portanto, o ensino de ciência a partir do estudo da literatura de autoria negra trata não apenas a aplicabilidade da Lei 10.639/03 como um ensino renovador capaz de proporcionar aos educandos significado ao seu aprendizado e a sua vivência. “A tarefa do educador, então, é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e

não de dissertar sobre ele, de dá-lo, de entendê-lo, de entregá-lo, com se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado” (FREIRE, 2002, p. 81).

Diante desse ensino com significado e significante é que adentramos a um exceto do diário de Carolina que ela chama a atenção ao fator social ao escrever: ...Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, 2014, p. 32). O fator exclusão classificado pela autora quando chama a favela de quintal de São Paulo, possibilita o leitor e/ou professor navegar pelos vários Brasis, apresentando às diversas formas que foram constituídas a sociedade brasileira, uma nação construída de forma díspar e injusta. Uma viagem a história brasileira com relatos dos diversos elementos das desigualdades sociais e raciais, questões de gênero, socioeconômico e cultural. Nesse universo micro e macro dos poderes políticos, é que Carolina de Jesus reafirma toda a subjetividade de uma mulher negra, mãe solo e pobre.

Para Santos (2010),

De Jesus representa uma voz marginalizada raramente ouvida nos discursos nacionalistas, os quais tendem a privilegiar narrativas eurocêtricas de projetos de construção da nação. (...) precisamos ouvi- lá a fim de entender como pessoas às margens falam por si mesmas e não apenas assunto da fala de outros. (SUSAN QUILAN S/D)

Os elementos sociais e psicológicos que entrelaçam o universo micro e macro de Carolina são elementos presentes na realidade dos nossos educandos. A construção de uma sociedade mais justa e igualitária nasce a partir das relações que nos atravessam. Podemos refletir a obra a partir dos traumas (violência e violação) sofridos pela população do Canindé, além da desumanização provocada pela miséria, a marginalização do coletivo de moradores da favela e do coletivo maior que era os moradores da cidade, além do descaso do poder público. A escrita de Carolina trás o seu poder de fala, um lugar que denuncia as hierarquizações, as desigualdades, pobreza, racismo e sexismo (RIBEIRO, 2019).

O racismo institucional e social era outro fator agravante que sofriam os moradores da favela do Canindé. O racismo é a equação entre essas consequências sociais da categorização das pessoas e as características biológicas, é uma rejeição ao sistema que se nutre do irracional. Para Étienne Balibar e Immanuel Wallerstein, “não há racismo sem teoria” e por isso, “seria completamente inútil perguntar-se se as teorias racistas

procedem das elites ou das massas, das classes dominantes ou das classes dominadas” (ALMEIDA, 2020, p. 69).

Segundo Almeida (2020, p. 63), a concepção de ideologia é uma visão falseada, ilusória e fantasiosa da realidade, então, a concepção de racismo ideológico se conecta com o racismo individual. Um racismo que molda o inconsciente das pessoas e que consequentemente molda a sociedade. Consequentemente, a vida dos moradores da favela do Canindé era afetada por esses moldes racionalizados, e sofriam duras situações sociais as quais Carolina descrevia com maestria.

Percebemos que a população da favela era reduzida apenas ao biológico. As mulheres eram vistas apenas como “mulheres negras” com vocação “para trabalho doméstico”, mães, esposas e também mulheres de vida livre. Os homens negros eram vistos com personalidades ingênuas ou criminosas, bêbados, fanfarrões e brigões. Nesta visão estereotipada da população negra do Canindé, é possível perceber o racismo social associado à raça, o qual é necessário ser rejeitado em nossa sociedade para que não seja perpetuada a ideologia da raça. Tomar a categoria de raça como dada e como base para a análise política reproduz essa ideologia. E isso não é ofensivo, porque na verdade a ideologia de raça é produzida pelo racismo, e não o contrário (HAIDER, 2019, p. 72-73).

A SUBJETIVIDADE EM CAROLINA DE JESUS

Pensar feminismo a partir da literatura de Carolina de Jesus é pensar em todas as mulheres que sofreram e/ou sofrem por apenas serem mulheres. Para a filósofa Pós-estruturalista estadunidense Judith Butler (2021, p. 8),

[...] o fardo dos “problemas de mulher”, essa configuração histórica de uma indisposição feminina sem nome, que mal disfarça a noção de que ser mulher é uma indisposição natural. Por mais séria que seja a medicalização dos corpos das mulheres, o termo também é risível, e rir de categorias sérias é indispensável para o feminismo.

O fardo de ser mulher apresentado na escrita de Carolina de Jesus trazida em seus cadernos, chama a atenção a realidade vivida por diversas crianças, meninas, mulheres da população brasileira, o “silenciamento dos corpos femininos”. Um silenciamento que tenta apagar qualquer forma de libertação, qualquer expressão cultural ou social que mulheres negras buscam construir ao longo de décadas. Esse silenciamento principalmente na literatura busca apenas reduzir os corpos femininos a questões de

gênero, buscando sustentar essa hierarquização dos gêneros na heterossexualidade compulsória (BUTHER, 2010).

Percebemos, portanto, que esses os estudos e reflexões feministas sobre as questões de gênero não fazem parte da vida e da realidade de muitas mulheres negras, as quais se tornam objeto de estudo de muitas feministas que possuem privilégios institucionais e acadêmicos, bem como lugares privilegiados de raça e classe. Estas feministas embora estejam no espaço político de disputas pouco são os seus envolvimento pelas causas sociais.

O movimento de liberação das mulheres – o feminismo – é um texto que se desenvolve, não uma tese. É uma linha melódica, não uma marcha militar. É uma inspiração, a inspiração de um sopro. O feminismo se respira mais do que se enuncia. De tanto dar o último suspiro, ele renasce (COLLIN, 1994, p.146).

Para Espinosa (2013), “trata-se de um movimento em pleno crescimento e amadurecimento que reivindica ser revisionista da teoria e da proposta política do feminismo, dado o que considera seu viés ocidental, branco e burguês”.

Esses acontecimentos limitam as formas pelas quais o conhecimento é decolonizado, impossibilitando o reconhecimento de categorias, conceitos e epistemologias que surgem das práticas políticas que muitas mulheres negras ou afrodescendentes sem privilégios produzem em suas comunidades e, sobretudo, não permite a análise das realidades materiais e as lutas concretas que estão ocorrendo em diferentes lugares.

Notamos um tipo de epistemicídio, uma busca constante de destruir ou aniquilar o conhecimento, saberes e cultura de um povo que não foi assimilado pela cultura branca ocidental e que procura ao longo de décadas desfigurar, distorcer, desaparecer e deturpar com a tradição de uma raça.

Vale ressaltar que o significado da palavra “raça” que nos é ensinado, é a divisão tradicional dos grupos étnicos, uma separação arbitrária que tenta determinar os grupos humanos a partir de caracteres físicos e hereditários (.....). Para a professora filósofa socialista estadunidense Angela Davis (2016) ‘raça é a maneira como uma classe é vivida’, o que nos leva a refletir a situação dos moradores da favela do Canindé retratada nos escritos de Carolina de Jesus.

[...] A única coisa que está ao alcance do negro para ele nos ensinar, é beber pinga. Na pinga eles são catedráticos.

Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto. (JESUS, 1986, p. 52)

Carolina levanta não apenas a maneira como os moradores da favela viviam, mas, como eram vistos e tratados. As feridas das discriminações raciais se fazem presentes sobre os olhares da realidade social brasileira. Uma discriminação que busca a qualquer preço se sustentar não apenas na questão de raça, mas, também na discriminação econômica (NASCIMENTO, 2016).

Segundo o professor, escritor e militante brasileiro Abdias do Nascimento (2016), as manifestações vistas nas condições de vida dos afro-brasileiros eram de ocuparem os pardieiros (guetos), moradias (mocambos) infestados de germes e mosquitos. Para Nascimento (2016, p. 99), o retrato de corpo inteiro da favela paulista está no livro de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, um terrível testemunho da vida da autora na favela.

Notamos que Carolina busca descrever todo o submundo que mulheres, crianças e homens eram submetidos a viverem, uma situação desumana que lhes faltavam o mínimo para a sobrevivência. Um retrato sem retoques da sociedade brasileira, uma ferida exposta que se busca a cada dia mascarar a realidade vivida por população subalterna e marginalizada. Para Nascimento (2016, p. 101) *nesta teia o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação - no emprego, na escola- e trancadas as oportunidades que permitiriam a ele melhorar suas condições de vida, sua moradia inclusive (grifo nosso).*

Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer,[...]. Havia um pretinho bonitinho. [...] Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. [...] No Lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E de escolhia uns pedaços: Disse-me:

— Leva, Carolina. Dá para comer.

Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. [...] Ele disse-me que não.[...]. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não pôde deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu.[...]. No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome.

Percebemos na escrita de Carolina que as racionalizações basicamente racistas determinam a posição social e econômica dos moradores da favela do Canindé, e também

da sociedade brasileira. Para o psiquiatra e filósofo martiniquenho Frantz Fanon (1969, p. 40) “*O racista numa cultura com racismo é por esta razão normal. Ele atingiu a perfeita harmonia entre relações econômicas e ideologia (grifo nosso)*”. Uma ideologia que mesmo após a lei Afonso Arinos, de 1951, não conseguiu acabar com a discriminação racial ou ideológica no Brasil (NASCIMENTO, 2016).

Segundo a professora Elisa Maria da Conceição, da Universidade de Brasília, estudos precisam ser feitos quando se busca entender a desigualdade. Para ela,

“A desigualdade é um conceito histórico, que nem sempre existiu. Porém, nos dois períodos considerados, a percepção da elite é semelhante em relação aos motivos que geram a desigualdade. Tanto a elite de 1993 quanto a de 2013 vêem a desigualdade como consequência da falta de educação entre os pobres e da falta de cumprimento dos deveres do Estado”.

A desigualdade social no Brasil é um dos fatores social de grande relevância para compreendermos a literatura de Carolina de Jesus e todos os descasos sofridos pela população da favela do Canindé. Levantar a poeira destas questões em sala de aula é possibilitar aos educandos a construção de um pensamento crítico e reflexivo sobre as práticas historicamente estabelecidas, desconstruindo estereótipos e preconceitos tão reverberados pelo senso comum através das gerações. O ambiente escolar é um espaço político de suma importância para o exercício da liberdade, da construção de novas formas de pensar, dialogar e debater “velhas situações”, que precisam ser encaradas com novas posturas.

Por meio dessa percepção, compreendemos que desenvolver uma pesquisa em torno da temática raça e gênero na literatura de mulheres negras para o ensino de ciências para meninas negras nas turmas dos 8º e 9º anos dos anos finais é de suma importância. Devemos atentar para o desenvolvimento de novas metodologias de ensino que nos incline a ouvir as aspirações das educandas nas salas de aula.

Assim, o objetivo desse trabalho é compreender como as narrativas de mulheres negras contribuem para o ensino-aprendizagem das ciências nos anos finais a partir da criação de oficina de literatura e ciências.

Considerações finais

Acreditamos que compreender e fortalecer os aspectos que permitam o avanço entre as ciências e a literatura na sala de aula é romper com a dualidade entre as duas culturas. É preciso desconstruir a separação dos componentes curriculares nas salas de aula, precisamos desenvolver a alegria nos espaços escolares, a curiosidade científica, o gosto pela leitura. Para o professor essa curiosidade é a chave fundamental para um ensino-aprendizagem com significado, um ensino-aprendizagem que possibilita o gosto em aprender, despertando uma curiosidade ingênua e epistemológica. Curiosidade com sede de saber que nos leve a dialogar intrinsecamente com o corpo e o universo que nos rodeia. Segundo Paulo Freire (2007, p. 85), “Como professor devo saber que sem curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*” (*grifo do autor*). Deste modo, a nossa expectativa é que essa sequência didática possa ser aplicada não apenas nas aulas de ciências, mas em diversos componentes curriculares.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Silvio Luiz de, **Racismo Estrutural**/ Silvio Luiz de Almeida. - São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2020.
- BRASIL. **Lei Federal nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira, e dá outras providências).
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/ 21ª Ed. Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. – 21ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequência didática para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, p. 95-128, 2004.
- FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Extensão ou Comunicação?**/ Paulo Freire; tradução Rosiska Darcy de Oliveira. _ 15. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FONSECA, Marcus Vinícius, Carolina Mostaro Neves da Silva, Alexsandra Borges Fernandes (Orgs.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje** / Asad Haider. Tradução de Leo Vinicius Liberato. Prefácio de Silvio Almeida. – São Paulo: veneta, 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 5. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

hooks, Bell, 1952- Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática/ Bell hooks; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977 **Quarto de despejo: diário de uma favelada** / Carolina Maria de Jesus; 10. ed. - São Paulo : Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977. **Diário de Bitita** / Carolina Maria de Jesus. _ Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio**. Revista USP, São Paulo (37) p. 82-91. Março/Maio 1998.

NASCIMENTO, Abdias do, 1914-2011. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**/ Abdias Nascimento. -3.ed. _ São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Francisco de Assis, **Quarteto Fantástico de Física: Histórias em quadrinhos, ficção científica e satisfação cultural**. Dissertação de mestrado da USP, 2013.

NASCIMENTO, Francisco de Assis, **Crise de Identidade: Gênero e Ciências nos quadrinhos de super-heróis**. Tese de doutorado da USP, 2017.

PIASSI, L.P. Contatos: **A ficção científica no ensino de ciências em um contexto sociocultural**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

PIASSI, Luiz Paulo; PIETROCOLA, Maurício. **Ficção científica e ensino de ciências**: para além do método de 'encontrar erros em filmes. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.35, n.3, p. 525-540, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v35n3/08.pdf> Acessado em: 18 dez. 2020.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais**. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências doi: 10.28976/1984-2686rbpec2019u329344, RBPEC 19, pp. 329–344, Minas Gerais: UFMG, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/13139/11886> Acessado em: 14 de fev. 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Descolonizando Saberes: a Lei 10.639/2003 no ensino de ciências** / Bárbara Carine Soares Pinheiro, Katemari Eosa (orgs.). – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018. –(Coleção culturas, direitos humanos e diversidade na educação em ciências).

RAMOS, João Eduardo Fernandes. **A ciência e o insólito**: o conto de literatura fantástica no Ensino de Física. Tese de Mestrado. São Paulo, 2012.

RAMOS, P. E. **A Leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala** / Djamila Ribeiro. – São Paulo; Sueli Carneiro; pólen, 2019.

SCHIVANI, Milton. Livros **Didáticos de Física (Ensino Médio): Subsídios para critérios de seleção em pesquisas**. Produtos e Materiais Didáticos • Rev. Bras. Ensino Fís. 42 • 2020.

SNOW. C.P., **As duas culturas e uma Segunda Leitura**: Versão Ampliada das Duas Culturas e a Revolução Científica / C.P. Snow; tradução de Geraldo Gerson de Souza / Renato de Azevedo Rezende Neto. Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

SNYDERS, Georges, **A Alegria na Escola**. Editora Manole Ltda, 1988.

SNYDERS, Georges, **Pedagogia progressista**. Coimbra: Almedina, 1974.

SNYDERS, Georges, **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SNYDERS, Georges, **Para onde vão as pedagogias não-diretivas?** 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.